

A irmã, Henriqueta Madalena

“Ele sabia o valor que tinha”

«Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano
[e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário
[de qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes,
[a todos, a vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!»

Álvaro de Campos, *Lisbon Revisited*

Maria Ivone de Ornellas
de Andrade

«JL» — Sirva-nos de cicerone por esse espaço familiar de seu irmão, passado em Durban, e também vivido em língua inglesa.

Henriqueta Madalena Rosa Dias — Lembrou-me pouco do Fernando nessa altura. Por todo esse tempo ele era uma criança que se entretinha sozinho. Eu era muito pequena, lembrou-me apenas de o Fernando estar na escola e regressar à tarde. Depois, já com o meu irmão Luís, o Fernando brincava connosco. Éramos as personagens de uma história continuamente inventada por ele. Cabia-me ser um tenente francês, a meu irmão, outro papel, que já esqueci... De tal modo o Fernando levava a sério a brincadeira que, por vezes, até fora da ficção eu continuava tenente francês. Aliás, continuei a sê-lo por muitos anos. A realidade era constantemente transfigurada, e nós protagonistas da sua *rêverie*. Havia também um Quebrando-Ossos, personagem que assustava crianças. Não a nós, claro. Como sabe, tudo isto é bastante inglês. O Fernando desde criança lia muito, e na literatura inglesa tanto o fantástico como os *fairy-tales* são bem comuns.

P. — Lembra-se do Fernando receber o Queen Victoria Memorial Prize?

R. — Foi muito comentado em casa. Bem vê, ele tinha só 15 anos e recebia um prémio por um ensaio escrito na língua adoptiva, que, aliás, dominava primorosamente, e isto entre centenas de candidatos. O director, o Nicholas, interessava-se muito pelo Fernando. Ele era um aluno distintíssimo, excelente até nas línguas clássicas. Mas Shakespeare e Milton foram leituras da sua predilecção e constante fonte de estudo. Muitas e muitas coisas só vim a saber muito depois, quando a sua obra passa a ser tema de estudo. E compreende-se, na época era muito pequena.



Henriqueta Madalena: «Não lhe demos a importância que ele merecia»



JORNAL DE LETRAS
26/11/1985

João Gaspar Simões

Um guardador de Pessoa

Jorge Listopad

(Uma das calçadas amenas e escondidas de Lisboa. Casas de um lado. Do outro lado, um muro, por detrás do muro, só de cima de um andar se vêem os «jardins suspensos» das Necessidades.)

Abre João Gaspar Simões. Sala com janelas rasgadas, fora, Novembro à tarde. O fotógrafo prepara-se. Dispara sem parar.)

— Parece a campanha eleitoral, sorri. Deixa-se fotografar com gosto, habituado agora aos repórteres e às televisões estrangeiras, ele na função do tutor de Pessoa.

— Bati à sua porta também por causa do poeta, claro. O JL faz um dossier especial e eu não quis que saísse sem si.

— Não tenho grandes coisas a dizer. Agora estive no Brasil e lá fui completamente despejado.

— Também já expliquei isso na reunião da redacção: Gaspar Simões já disse e escreveu tudo sobre Pessoa. O que interessava era outra coisa. Tenho duas ou três outras perguntas.

— Avance.

— Como sabe, agora Pessoa é uma espécie de montanha mágica. Criou-se uma mitologia. O que pensa disso.

— Concordo. Quando estive no Brasil disse que parecia o túmulo de Sto. António que já estava um pouco gasto. As pessoas só querem tocar no túmulo. Não sou é tão bonito como o Sto. António.

— Não lhe é desagradável?

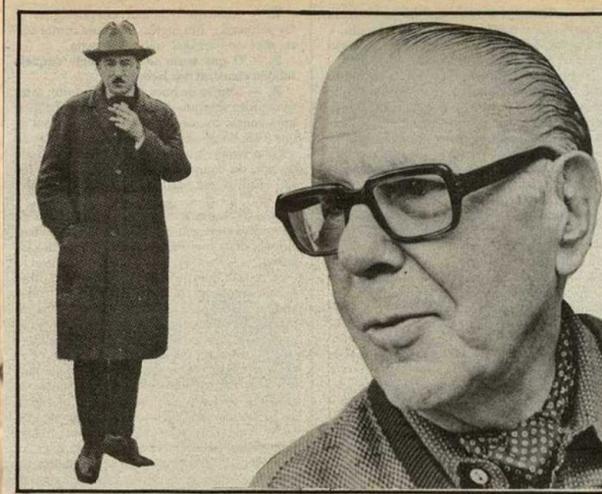
— Começa a incomodar-me.

— É o pai de Fernando Pessoa. Sem si, atrasar-se-ia o fenómeno 20 ou 30 anos.

— A culpa é da época. Há agora uma mitificação necessária: época de ausência de vitalidade criadora e a proliferação do espírito crítico absorve o espírito de Fernando Pessoa, não por ele, mas por necessidade que essa crítica tem de se defender — por falta de substância — utilizando-o para desenvolver esse espírito crítico.

Esta expansão dos universitários que deixaram passar Pessoa, Sá-Carneiro e tanta gente e que agora estão constantemente a servirem-se deles para desenvolverem as suas teses, é um mau serviço prestado a Fernando Pessoa — e aos outros — pois são esvaziados dos seus conteúdos mais importantes graças a essa bicharada que vive alimentando-se dos restos mortais.

(Porque não gosto de fazer entrevistas? Além de outras razões, às vezes desligo-me das palavras e observo a linguagem das mãos, ou ouço outra música, subjectiva, atrás das palavras da verdade discursiva; agora imagino, por exemplo, esta vasta casa habitada no



JORNAL DE LETRAS
26/11/1985